

João Crisóstomo*

Como pensas cumprir os mandamentos de Cristo se só visas o lucro, amontoando empréstimos, comprando escravos como gado, somando negócios a negócios? E isso não é tudo. A tudo isso acrescentas a injustiça, apossando-te de terras e casas, e aumentando a pobreza e a fome.

João Crisóstomo

Cem anos depois de sua morte, João de Constantinopla recebeu o título pelo qual o conhece a posteridade: João Crisóstomo - o homem da língua dourada. Esse título era bem merecido, pois em um século que produziu oradores como Ambrósio de Milão e Gregório de Nazianzo, João de Constantinopla se ergueu acima de todos - gigante acima dos gigantes.

Para João, todavia, o púlpito não era simplesmente uma tribuna onde ele oferecia brilhantes peças de oratória. Ele foi antes, a expressão oral de toda a sua vida, cenário da sua batalha contra os poderes do mal, vocação insubornável que mais tarde lhe custou o desterro e até a vida.

Voz do deserto que clama na cidade

Crisóstomo foi monge acima de tudo. Antes de ser monge foi advogado, educado em sua própria cidade natal de Antioquia pelo famoso orador pagão Libânio. Conta-se que quando alguém perguntou ao velho mestre quem deveria ser seu sucessor, ele afirmou: João, mas os cristãos se apossaram dele.

Antusa, a mãe de João, era uma cristã fervorosa, e amava seu filho com um amor profundo e possessivo. Aos vinte anos de idade o jovem advogado solicitou inclusão de seu nome na lista dos que se preparavam para o batismo, e três anos depois, que era o período de preparo exigido então, ele foi batizado nas águas pelo bispo Melécio. Tudo isto era do agrado de Antusa. Mas quando seu filho comunicou seu propósito de abandonar a cidade e se dedicar à vida monástica, isto foi demais para ela, e ela o fez prometer que ele não a abandonaria enquanto ela vivesse.

A resposta de João foi simplesmente organizar um mosteiro em sua própria casa. Ali ele viveu em companhia de três amigos de sentimentos semelhantes até que, morta sua mãe, ele foi viver entre os monges das montanhas da Síria. Quatro anos ele passou aprendendo a disciplina monástica, e outros dois praticando-a com todo o rigor em meio a mais completa solidão. Como ele mesmo diria, esta vida monástica talvez não fosse o melhor preparo para a tarefa pastoral: "Muitos que passam da solidão monástica à vida ativa de sacerdote ou bispo se evidenciam completamente incapazes de enfrentar as dificuldades da nova situação".

Seja como for, João regressou a Antioquia depois de seus seis anos de retiro monástico, foi ordenado diácono, e pouco depois presbítero. Como tal ele começou a pregar, e sua fama logo se espalhou por toda a igreja de fala grega.

Quando o bispado de Constantinopla ficou vago em 397, João foi obrigado por ordem imperial a ocupar o cargo. Sua popularidade era tão grande em Antioquia que as autoridades mantiveram

* Justo L. Gonzáles, *Uma história ilustrada do cristianismo; a era dos gigantes*. v. 2 (São Paulo: Vida Nova, 1991), pp. 147-154.

em segredo o que tramavam. Simplesmente o convidaram a visitar uma capela fora da cidade, e quando estava distante do povo ordenaram-lhe que entrasse na carroça imperial, na qual ele foi levado para Constantinopla contra a sua vontade. Ali ele foi consagrado bispo - ou patriarca, pois o bispo desta cidade ostentava este título - em princípios de 398.

Constantinopla era uma cidade rica, dada ao luxo e às intrigas políticas. Esta situação tinha piorado porque o grande imperador Teodósio tinha morrido, e os dois filhos que lhe tinham sucedido - Honório e Arcádio - eram indolentes e ineptos. Arcádio, que oficialmente governava o Oriente de Constantinopla, por sua vez se deixava governar pelo administrador do palácio, Eutrópio, que utilizava seu poder para satisfazer suas próprias ambições e as de seus amigos. Eudóxia, a imperatriz, se sentia humilhada pelo poder do administrador - apesar de dever a ele a possibilidade de ter casado com Arcádio. Na própria escolha de João não faltaram intrigas de que ele mesmo nem sabia, pois Teófilo, o patriarca de Alexandria, tinha feito tudo que podia para colocar no trono episcopal de Constantinopla um alexandrino, e Eutrópio tinha imposto sua vontade e nomeado o antiocano João.

O novo bispo de Constantinopla não sabia de nada disso. Até onde conhecemos seu caráter, é bem provável que mesmo tendo conhecimento de tudo ele teria agido como agiu. O antigo monge continuava sendo-o, e não podia tolerar a maneira com que os habitantes ricos de Constantinopla queriam adaptar o evangelho aos seus próprios luxos e comodidades.

Seu primeiro objetivo foi reformar a vida do clero. Alguns sacerdotes, que diziam ser celibatários, tinham em suas casas mulheres que chamavam de irmãs espirituais, e isto escandalizava a muitos. Outros clérigos tinham se tornado ricos, e viviam em tanto luxo como os poderosos civis da grande cidade. As finanças da igreja estavam completamente desorganizadas, e a tarefa pastoral era negligenciada. João logo enfrentou todos estes problemas, proibindo que as "irmãs espirituais" vivessem com os sacerdotes, e exigindo que estes levassem uma vida austera. As finanças foram submetidas a um sistema de controle detalhado. Os objetos de luxo que havia no palácio do bispo foram vendidos para dar de comer aos pobres. E o clero recebeu ordens para abrir as igrejas durante as tardes, para que as pessoas que trabalhavam pudessem entrar nelas. E desnecessário mencionar que isto tudo, apesar de lhe conquistar o respeito de muitos, também lhe granjeou o ódio de outros.

A reforma, no entanto, não poderia ser limitada ao clero. Era necessário que os leigos também levassem uma vida mais de acordo com os princípios evangélicos. Por isso o orador de língua dourada trovejava do púlpito:

Esse freio de ouro na boca do teu cavalo, este aro de ouro no braço do teu escravo esses adornos dourados em teus sapatos, são sinal de que estás roubando o órfão e matando de fome a viúva. Depois de morreres, quem passar pela tua casa dirá: "Com quantas lágrimas ele construiu esse palácio? Quantos órfãos se viram nus, quantas viúvas injuriadas, quantos operários receberam salários injustos?" Assim nem mesmo a morte te livrará dos teus acusadores.

Era o monge do deserto que clamava na cidade. Era a voz do cristianismo antigo que não se dobrava às tentações do cristianismo imperial. Era um gigante cuja voz fazia tremer até os fundamentos da sociedade - não por que sua língua era de ouro, mas porque suas palavras eram do alto.

A volta para o deserto

Os poderosos não podiam tolerar aquela voz que do púlpito da igreja de Santa Sofia - a maior de toda a cristandade - os convocava para uma obediência absoluta ao evangelho em que diziam crer. Eutrópio, que fizera com que ele fosse nomeado bispo, esperava favores e concessões especiais. Mas para João, Eutrópio era somente um crente a mais, e era necessário pregar para ele o evangelho com todas as suas exigências. E o resultado foi que Eutrópio se arrependeu, não de seus pecados, mas de ter mandado buscar João em Antioquia.

Por fim o conflito surgiu abertamente por causa do direito a asilo. Algumas pessoas que fugiam da tirania de Eutrópio se refugiaram na igreja de Santa Sofia. O administrador simplesmente enviou seus soldados para buscá-los. Mas o bispo foi inflexível, e proibiu aos soldados que entrassem no santuário. Eutrópio foi reclamar ao imperador, mas Crisóstomo recorreu ao seu púlpito, e pela primeira vez Arcádio se recusou a atender às exigências de seu favorito. Começava a queda de Eutrópio, e fora o humilde e austero monge quem a causara.

Pouco depois uma série de circunstâncias políticas provocaram a queda definitiva de Eutrópio. Era isso que o povo esperava. Logo a multidão inundou as ruas exigindo vingança contra quem a tinha oprimido e explorado. Eutrópio não teve outra alternativa que correr para Santa Sofia e abraçar o altar. Quando o povo chegou em sua busca, Crisóstomo saiu ao seu encontro, e invocou o mesmo direito a asilo que antes tinha invocado contra Eutrópio. Contra o povo, contra o exército, e por último contra o imperador, Crisóstomo defendeu a vida de Eutrópio, que continuou refugiado em Santa Sofia até que tentou escapar e seus inimigos o capturaram e mataram.

Havia, porém, outros inimigos que Crisóstomo fizera entre os poderosos. Eudóxia, a esposa do imperador, não via com bons olhos o crescente poder do bispo. Além disso, o que era dito do púlpito de Santa Sofia não cabia bem à imperatriz - ou lhe cabia bem demais. Quando Crisóstomo descrevia a pompa e a insensatez dos poderosos, Eudóxia sentia que os olhos do povo se voltavam para ela. Era necessário fazer calar aquela voz do deserto que clamava em Santa Sofia. A imperatriz fez donativos especiais à igreja. O bispo lhe agradeceu. E continuou pregando como antes.

Então a imperatriz recorreu a métodos mais diretos. Quando Crisóstomo teve de se ausentar da cidade para atender a certos assuntos eclesiais em Éfeso, Eudóxia se aliou a Teófilo de Alexandria. Quando voltou para Constantinopla Crisóstomo se viu acusado de uma longa lista de acusações ridículas, diante de um pequeno grupo de bispos que Teófilo reunira em Constantinopla. Crisóstomo não fez caso algum deles, e simplesmente continuou pregando e cumprindo com seus deveres pastorais. Teófilo e os seus o declararam culpado, e pediram a Arcádio que o desterrasse. Instado por Eudóxia o imperador concordou com o pedido dos bispos, e ordenou que João Crisóstomo abandonasse a cidade.

A situação era tensa. O povo estava indignado. Os bispos e o clero das proximidades se reuniram em Constantinopla e prometeram seu apoio a Crisóstomo. A única coisa que ele precisava fazer era dar a ordem, e os bispos constituiriam um sínodo que condenasse Eudóxia e os seus, enquanto o povo se sublevava para fazer tremer o fundamento do Império. Só uma palavra do eloqüente bispo, faria a conspiração cair por terra. Arcádio e Eudóxia sabiam disto, e se preparavam para a luta. Crisóstomo também o sabia. Mas ele amava demasiadamente a paz, e por isto se preparava para o exílio. Três dias depois de receber a ordem imperial ele se despediu dos seus e se entregou às autoridades. O povo, todavia, não estava disposto a se render tão facil-

mente. As ruas fervilhavam de pessoas prontas para uma rebelião. Os soldados e os imperadores não se atreviam a aparecer em público. Durante a noite, como se fosse um sinal da ira divina, a terra tremeu. Poucos dias depois, acedendo as súplicas assustadas de Eudóxia, Crisóstomo voltou para a cidade e seu púlpito, em meio às aclamações do povo.

O bispo tinha voltado, mas as causas do conflito não estavam solucionadas. Depois de vários meses de intrigas, confrontações e humilhações, Crisóstomo recebeu uma nova ordem de exílio. E outra vez, mesmo que contra o conselho de muitos de seus seguidores, ele se entregou aos soldados tranqüila e secretamente, a fim de evitar um distúrbio cujas conseqüências o povo sofreria.

O distúrbio, no entanto, era inevitável. O povo se reuniu na catedral de Santa Sofia e arredores, e enquanto a multidão se debatia com o exército irrompeu um incêndio que consumiu a catedral e vários edifícios vizinhos. Ao tumulto se seguiram as investigações e a vingança. Nunca se soube a causa do incêndio, mas muitos foram torturados, e os mais conhecidos amigos do bispo deposto foram enviados para o exílio.

Enquanto isso o pregador da língua dourada marchava para o exílio na remota aldeia de Cucusso. Agora que não tinha mais púlpito, ele tomou a pena, e o mundo se comoveu. O bispo de Roma, Inocêncio, abraçou sua causa, e muitos seguiram seu exemplo. Somente os tímidos e os adutores - além de Teófilo de Alexandria - justificavam a atitude do imperador. A controvérsia fervia em todos os lugares. A pequena aldeia de Cucusso parecia ter se tornado o centro do mundo.

Mais tarde os inimigos de Crisóstomo decidiram que a remota aldeia de Cucusso ainda estava próxima demais, e ordenaram que o bispo deposto fosse levado ainda mais longe, a um lugar frio e desconhecido na margem do Mar Negro. Os soldados que deviam acompanhá-lo em sua viagem receberam instruções de que não era necessário se preocupar demais com a saúde de seu prisioneiro, e se ele não chegasse ao seu destino, isto não seria muito lamentável. A saúde de Crisóstomo fraquejava, e quando sentiu que chegara o momento de morrer pediu que o levassem a uma pequena igreja no caminho, onde tomou a ceia, se despediu dos que o rodeavam, e terminou sua vida com seu sermão mais curto e eloqüente: “Em todas as coisas, glória a Deus. Amém”.

As vidas de Crisóstomo e Ambrósio, comparadas, nos são indícios do rumo diferente que, a longo prazo, as igrejas do Oriente e do Ocidente encetariam. Ambrósio enfrentou o mais poderoso imperador da sua época, e saiu vencedor. Crisóstomo, por sua vez, foi destituído e enviado para o exílio pelo débil Arcádio. A partir do próximo século a igreja do Ocidente - isto é, a de fala latina - se tornaria cada vez mais poderosa, em meio aos desastres que destruíram o poder do Império. No Oriente, pelo contrário, o Império duraria por mais mil anos. Às vezes forte, outras vezes fraco, esse rebento oriental do velho Império Romano - o chamado Império Bizantino - guardaria com zelo suas prerrogativas sobre a igreja. Teodósio não foi o último imperador do Ocidente que teve de se humilhar diante de um bispo de fala latina. E João Crisóstomo - o da língua de ouro - não foi o último bispo de fala grega enviado para o exílio por um imperador do oriente.